

CRISE NA VENEZUELA

Com asilo na Espanha, González deixa país

Tensão aumenta após debandada do ex-candidato Edmundo González do território venezuelano no sábado. Perseguido politicamente pelo regime chavista, rival de Nicolás Maduro foi recebido ontem em Madrid, onde receberá asilo político

» ISABELLA ALMEIDA
» MARINA RODRIGUES

Opositor de Nicolás Maduro, Edmundo González Urrutia pediu asilo político à Espanha e deixou a Venezuela neste fim de semana. Segundo a vice-presidente venezuelana, Delcy Rodríguez, o ex-candidato estava asilado na embaixada espanhola em Caracas, e o governo aceitou a saída dele em prol da "tranquilidade e da paz política no país". O ministro das Relações Exteriores espanhol, José Manuel Albares, confirmou o aceite do pedido de asilo e afirmou que "o governo da Espanha está comprometido com os direitos políticos e a integridade física de todos os venezuelanos".

González e sua esposa embarcaram na noite de sábado em um avião da Força Aérea espanhola, pousando ontem na base Torrejón de Ardoz, perto de Madrid, pouco depois das 11h (horário de Brasília). "Confio que em breve continuaremos a luta para alcançar a liberdade e a recuperação da democracia na Venezuela", disse o ex-diplomata, em áudio divulgado por sua equipe após chegar ao país europeu.

A fuga ocorre dias após um mandado de prisão contra o ex-diplomata por crimes eleitorais, solicitado pelo Ministério Público (MP) e aceito pela justiça venezuelana na última segunda-feira. Ele é acusado de publicar cópias de mais de 80% das atas de votação em um site, defendendo sua vitória com mais de 60% dos votos na eleição de 28 de julho. No entanto, o governo afirma que o material é repleto de inconsistências.

Segundo o MP aliado do



"Em breve continuaremos a luta para alcançar a recuperação da democracia na Venezuela", diz o ex-diplomata após chegar ao país europeu

presidente Nicolás Maduro e controlado por chavistas, o pedido de prisão foi apresentado após González ignorar três intimações para prestar depoimento. O ex-diplomata, por sua vez, denunciou que o órgão estava atuando como um "acusador político" e argumentou que, caso comparecesse, seria submetido a um processo "sem garantias de independência".

A líder da oposição, María Corina Machado, declarou que a saída do presidente eleito da Venezuela foi necessária para

"preservar sua liberdade e sua vida" em meio a uma "brutal onda de repressão". "Sua vida corria perigo, e as crescentes ameaças, citações, mandados de prisão e, inclusive, tentativas de chantagem e coação de que foi objeto demonstram que o regime não tem escrúpulos nem limites em sua obsessão em silenciá-lo e tentar subjugá-lo", publicou no X (antigo Twitter).

Horas depois, Corina anunciou que, "no dia 10 de janeiro de 2025, o presidente eleito Edmundo González Urrutia

será empossado como presidente constitucional da Venezuela e comandante das Forças Armadas nacionais. Que isso fique bem claro: Edmundo lutará de fora junto à nossa diáspora, e eu continuarei fazendo isso aqui, ao lado de vocês".

Ainda ontem, o procurador-geral da Venezuela, Iárek William Saab, disse que a fuga de Urrutia representa o fim de "uma comédia". "Eu diria que termina a breve temporada de uma peça humorística, de um gênero que eu poderia dizer de comédia, de teatro

bufão", ironizou Saab.

Desde a proclamação da vitória de Maduro, com 52% dos votos, ocorreram protestos em todo o país. Estados Unidos, União Europeia e nações da América Latina rejeitaram o resultado anunciado pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) e pediram uma verificação dos votos, mas o CNE adia a entrega das atas, alegando que foi alvo de um ataque cibernético. O conselho afirma, porém, que a invasão hacker não pôde alterar os votos, que são protegidos por sistema analógico próprio.

Perseguição crescente

O venezuelano Rufo Chacon, 21 anos, vive atualmente na Espanha, em razão da opressão que sofria em seu país natal. Chacon afirma que Edmundo González conta com o apoio da população, "pois estava sendo perseguido por esse governo corrupto". "Se o tivessem capturado, ele teria sido torturado e desaparecido como muitos venezuelanos", diz ao **Correio**.

O jovem teve de fugir da Venezuela com a mãe e a irmã, de 7 anos. "Queriam sumir comigo. Sou o sobrevivente que pode falar e mostrar no mundo como o governo nos tortura. Me deixaram cego, ainda tenho 47 fragmentos de balas no rosto. Eles

me perseguiram e tentaram matar minha mãe, pois ela denunciava cada ato de perseguição."

Para Rufo, a esperança tem nome: María Corina Machado. "Uma mulher forte e honesta que tem estado à frente, lutando por nossa liberdade." Enquanto ele e sua família não podem voltar à Venezuela, tentam viver com o mínimo no país europeu. "Foi muito difícil sair do meu país e vir à Espanha pedir asilo. Já faz um ano e um mês, e não posso estudar ou trabalhar. Minha mãe tenta trabalhar para nos sustentar. Espero que, em algum momento, haja uma resolução e que nos apoiem."

Jose Vicente Carrasquero

Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), afirmou que a fuga de figuras como Edmundo González revela que o regime de Maduro não consegue sustentar uma fachada democrática. "Apesar das tentativas de controlar o sistema eleitoral e manipular os resultados, roubar as eleições não terá sucesso a longo prazo. A comunidade internacional e a maioria do povo venezuelano já não o veem como um líder legítimo e a narrativa da fraude está cada vez mais consolidada."

Uma venezuelana que não quis se identificar afirma ao **Correio**: "O clima é de proteção contra a arquitetura do terror. Todos



Rufo Chacon, 21, teve de fugir com a família após ameaças e tortura

em seus nichos. Ativando redes com chaves, que surgem até com civildade. Ele ainda não falou e

acho que não falará", referindo-se ao posicionamento de Maduro diante da fuga de González.

Palavra de especialista

Arquivo pessoal



"É a primeira vez que um candidato presidencial sai do país tão pouco tempo após a realização das eleições, porém outros políticos opositores (inclusive que estavam em prisão domiciliar) conseguiram sair do país ao longo dos últimos anos. Provavelmente a oposição seguirá pressionando enquanto o governo tende a cercar os espaços de atuação desse grupo. O governo de Maduro tem usado todos os mecanismos institucionais para garantir sua permanência no poder e o Judiciário tem sido um de seus aliados mais importantes."

Carolina Silva Pedrosa, professora do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Linha do tempo

- 20/3** Venezuela emite ordem de prisão contra seis opositores
- 28/7** Venezuelanos vão às urnas
- 29/7** Reeleição de Maduro é declarada e diplomatas da Argentina são expulsos
- 31/7** Itamaraty aceita assumir Embaixada da Argentina
- 1/8** Brasil assume diplomacia argentina em Caracas
- 6/9** Forças da Venezuela cercam Embaixada da Argentina
- 7/9** Venezuela revoga custódia do Brasil
- 8/9** Edmundo González foge para a Espanha

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo Pagina: 9